

As linguagens do amor em Luc De Heusch

Contribuições da antropologia para a psicologia dos afetos

Marina Prieto Afonso Lencastre

Universidade Fernando Pessoa
Portugal

RESUMO

A capacidade humana para experiências psicossomáticas, afetivas e simbólicas associadas com o transe e com o amor solicita uma reapreciação do corpo e da mente na sua relação mais geral com as culturas e com o processo de humanização. Luc De Heusch explora as variadas linguagens amorosas como o amor paixão, com as suas delícias e tormentos, o amor que cresce da relação da agressão com a sexualidade, o amor que se exprime com o teatro, a estética, o êxtase religioso e até com o humor, contribuindo para uma compreensão aprofundada da psicologia dos afetos.

PALAVRAS-CHAVE: linguagens do amor; corpo e mente; culturas; afetos.

ABSTRACT

The human capacity for psychosomatic, affective, and symbolic experiences associated with trance and love calls for a reappraisal of body and mind in their more general relationship with cultures and the process of humanization. Luc De Heusch explores the varied love languages such as passion, with its delights and torments, love that grows from the relation of aggression to sexuality, love that expresses itself with theater, aesthetics, religious ecstasy and even with humor, contributing to a deeper understanding of affect psychology.

KEYWORDS: love languages; body and mind; cultures; affections.

Introdução

Luc De Heusch é um antropólogo belga, especialista das culturas africanas, que publicou em 2006 um importante livro sobre o transe, relacionando-o com temas tão diversos como a ‘mania’ platónica, o amor cortês, a possessão, a hipnose e o teatro, o xamanismo, o êxtase místico, a poética, a feitiçaria e os líderes carismáticos (De Heusch 2006).

A mais do que um título, este livro é importante para as diversas disciplinas humanas; em primeiro lugar para a antropologia, mas também para a psicologia e a psiquiatria, numa época em que estas ciências, que lidam com os afetos e os seus significados, definem globalmente as fronteiras do normal e do patológico e adquirem um poder social crescente. Em geral formatadas por uma ideia naturalista (Descola 2005) e universalista da mente, tendem a subestimar as funções antropológicas do corpo e a diversidade dos contextos culturais para a expressão afetiva e simbólica, através dos mitos, suas ritualizações e variadas expressões, em ecologias e sistemas sociais diferenciados¹.

A capacidade humana universal para experiências psicossomáticas, afetivas e simbólicas diversificadas, o papel que esta capacidade apresentou, e ainda apresenta, para a formação das culturas e do psiquismo, solicita uma reapreciação do corpo e da mente na sua relação mais geral com as sociedades e com o processo de produção do próprio humano². Ao invés do naturalismo contemporâneo e das normativas dele derivadas, este livro de De Heusch explora as zonas limite da existência humana, através das formas do transe e do amor. Lembra a importância de considerarmos o corpo intencionalizado, com os seus impulsos, emoções e afetos, expressos nas variadas linguagens amorosas. Amor paixão com as suas delícias e tormentos, amor que cresce da relação da agressão com a sexualidade, amor que se exprime com o teatro, a estética, o êxtase e até com o humor.

nas sociedades ocidentais. O *Diagnostic Statistical Manual 5* (DSM5 2013) já reflete esta realidade no capítulo sobre formulação cultural de diagnóstico. Ver também o artigo da autora Lencastre, M. P. A. (2015). Ecologias e concepções culturais de saúde, doença e cura, *Revista Sensos*, 5-2, pp. 169-184.

² Os contextos antropológicos moldam os cérebros humanos, estando na origem tanto da evolução cultural quanto da evolução biológica. Ver, por exemplo, Thayer e Non 2015.

¹ Esta questão é cada vez mais importante, tendo em conta o número crescente de populações migrantes oriundas de outras culturas que recorrem aos serviços de psicologia e de psiquiatria,

1. As linguagens do amor

O que é amar? Hoje, há séculos, aqui e noutros lugares, esta é a interrogação de partida do autor que se vai interessar pela rutura social e psicológica instaurada pelos amantes, mas também pelas experiências do transe e do êxtase que ele aparenta com esse afeto irreprimível e móvel que é o amor. A 'queimadura dos sentidos' que coloca os amantes fora da sociedade tem relação, para De Heusch, com outras experiências extraordinárias em que o corpo aparece como o veículo do sagrado, do carisma pessoal, animado pela dança e pela música. É na ópera, "domínio por excelência das paixões, dos fantasmas e do desejo" (Fernandez 1997, p. 93), que o autor reencontra uma forma moderna e simulada do transe, próxima da possessão teatral mas também da inspiração poética, como em Platão.

Mantendo-se estruturalista, De Heusch retoma nesta obra um interesse antigo pelas técnicas do corpo implicadas pelas diferentes formas de acesso ao sagrado. Sublinha mais uma vez o contraste marcado entre os cultos de possessão africanos e o recolhimento cristão; mas nos dois encontra relação com a 'mania' platónica, um misto de possessão dionisiaca e de amor – a que chama de 'singularidade do desejo sexual' –, que considera próxima do transe. Coloca a feitiçaria no polo oposto ao das linguagens do amor cristão e da mística islâmica e, ainda a propósito do amor e do transe, refere o fenómeno hipnótico e do carisma em alguns líderes proféticos, que o usaram em momentos particulares da história.

Ao invés de uma antropologia intelectualista e simbólica, Luc De Heusch pretende respeitar o enraizamento corporal do afeto e mostrar como se apoia nas observações da etologia, da psicologia e até da ciência política. Reforça a importância das observações etológicas sobre o vínculo mãe-juvenil na primatologia e recorre à psicanálise para insistir sobre o valor estruturante da relação precoce entre mãe e filho, o que diz sobre o abandono amoroso entre amantes e até sobre a relação hipnótica. Ao contrário de Freud, propõe que se distinga claramente a vinculação da pulsão sexual, indo buscar à escola das relações de objeto (Klein 1997; Winnicott 1997) a afetividade de tipo fusional que parece caracterizar a procura de segurança pelo bebé muito pequeno. Segundo De Heusch, será esta afetividade primária, anterior à linguagem, mas que os adultos não esquecem, que poderá estar envolvida na hipnose, individual e coletiva, assim como noutros fenómenos de alteração da consciência afetiva e cognitiva³. O próprio Freud (1968) reconheceu 'um elemento místico' na hipnose, que o fez abandonar esta técnica. A psicanálise das relações de objeto serve também ao autor para compreender a intensidade afetiva da identificação nos

³ A este propósito, De Heusch cita L. Chertok (1987) que enraíza a hipnose humana na hipnose animal, considerando-a uma disposição inata que se relaciona com a vinculação. Seria muito interessante mostrar a relação que também poderá ter com o mecanismo psicofisiológico de 'fazer de morto', uma reação extrema ao stress predatório encontrado nos animais e que P. Levine (2010) tão bem descreveu na sua obra sobre o trauma.

adultos, desde as dinâmicas introjetivas relacionadas com os processos primários, na possessão, no carisma, no amor paixão, até às suas formas mais subtis, como na contemplação amorosa e no êxtase.

Em todos os campos citados, o amor aparece através das relações emocionais com o outro, metamorfoseado nas relações que tece com o poder e, portanto, no que também exprime de sedução, de domínio e de submissão. Deste texto, importante e rico em associações, abordaremos, sobretudo, o que o autor nos diz sobre a estrutura corporal, comportamental e social das intensas experiências afetivas do transe e do êxtase, no seio de diferentes ideologias religiosas. Consideramos que refletem, diferenciadamente, potencialidades humanas universais com grande impacto na organização da psicologia afetiva e simbólica afetando as relações sociais. O autor relaciona estes temas com o amor paixão na nossa e em outras culturas, com a hipnose e o carisma e também com as manifestações festivas da juventude ocidental. O seu trabalho apresenta uma grande importância para o estudo da psicologia dos afetos, na sua unidade e diversidade, e também para a compreensão aprofundada das formas do religioso.

Como vimos acima, a psicanálise contemporânea aponta para a importância primeira do vínculo de segurança que se tece precocemente entre o bebé e sua mãe e como este vínculo constitui a base de toda a relação amorosa e agressiva posterior. Converte genericamente com as observações da etologia da vinculação e com observações da etologia humana sobre os comportamentos adultos (Eibl-Eibesfeldt 1989). Associadas às observações da antropologia, fornecem um quadro mais amplo e estável para a psicologia desenvolver os seus próprios trabalhos, na investigação e na intervenção clínica. Conhecer as descrições etológicas e antropológicas e compreender as dinâmicas profundas e adaptativas das variantes do afeto ajudam também a um melhor entendimento do que aparece como normal ou patológico, nos contextos atuais. Ao considerar as origens ecológicas, sociais e culturais que moldaram, e ainda moldam, as experiências mentais, as suas expressões corporais e os significados afetivos, esta abordagem multidisciplinar poderá contribuir para uma melhor tematização dos modos como se apresentam nos contextos ocidentais contemporâneos. Serão matéria, também, para melhor apreciar como, por sua vez, estes contextos ocidentais, em vias de globalização, afetam as vidas sociais e os contextos para a humanização⁴.

⁴ Ao contrário do que se pensou até recentemente, há observações na genética que sugerem que a evolução humana não só não foi substituída pela evolução cultural, como se acelerou dramaticamente através da construção e diversificação dos nichos ecológicos, culturais e cognitivos (Cochran e Harpending 2009). A biologia evolutiva moderna acentua os processos evolutivos rápidos nas populações modernas, por exemplo através de processos epigenéticos com impacto transgeracional. Alguns autores como Panksepp e Panksepp (2000) acreditam mesmo que o processo de isolamento populacional durante a radiação humana para fora de África poderá ter produzido tipos cognitivos diferenciados através da seleção genética e epigenética neocortical. A crescente globalização põe em contacto populações humanas de origens étnicas muito diversas, com as potencialidades e os problemas associados, e o conhecimento dos fatores de diferenciação e de convergência evolutivos são essenciais.

2. Linguagens do amor e ideologias religiosas do transe e do êxtase

No início da sua obra, De Heusch começa por distinguir o transe e o êxtase. O transe é um estado psicofisiológico particular, experimentado em público, podendo ser coletivo ou individual e envolvendo significativamente a teatralidade do corpo, enquanto que o êxtase é reservado, pessoal, e surge no silêncio e na imobilidade da experiência mística privada. Identifica quatro ideologias religiosas que se distribuem ao longo de um contínuo entre dois polos estruturais: um polo estrutural caracterizando as religiões da possessão africanas, em que o espírito encarna o corpo e a mente dos humanos («in-stasis»), e outro polo estrutural caracterizando o xamanismo, em que a mente humana viaja até ao mundo dos espíritos para aí os encontrar («ex-stasis»). Entre estes dois polos situam-se outras formas religiosas fundamentais que De Heusch identifica como o medianismo e o profetismo. Estas últimas apresentariam características estruturais próximas e atenuadas das religiões da possessão e do xamanismo. Mas, para De Heusch, a polaridade entre possessão e xamanismo não impede que xamãs possam experimentar a possessão, e que a mediunidade possa aparecer como uma forma leve de xamanismo em culturas africanas. Ou, mesmo, que o grande êxtase de Santa Teresa de Ávila apresente traços de doce possessão e de viagem ascensional até Deus.

Luc De Heusch é estruturalista e, portanto, no que toca à experiência religiosa, a sua preocupação central é mostrar a conexão estrutural dos estados corporais, afetivos e mentais que permitem a sua expressão, no interior de diferentes ideologias. Argumenta que as quatro formas de acesso ao sagrado tomam origem em experiências corporais e mentais em que o transe e o êxtase se apresentam de forma diferenciada. Segundo o autor, o transe e o êxtase refletem experiências humanas universais do corpo-mente e, portanto, devemos encontrar alguns aspetos de cada uma expressos nas outras, assim como em outras áreas expressivas da vida humana como a estética, a política, a erótica, a psicopatologia. Todas elaboram o afeto amoroso e suas contrapartidas, o ódio, o domínio, a sedução, a posse, que aparecem diferenciadamente sob as figuras do mal.

Assim, para De Heusch, as quatro ideologias desenvolveram diferentes relações com a sociedade e com o sagrado, e implicam também diferentes tipos de experiências corporais e psicológicas dos afetos, nomeadamente do amor. A possessão é uma experiência de amnésia e de confusão identificatória total da mente-corpo com os espíritos que encarnam o paciente e/ou também o feiticeiro, e nela as imagens do amor estão geralmente ausentes. O xamanismo produz uma distância mentalizada, controlada pelo xamã, que viaja mentalmente até ao mundo espiritual sem que dele haja amnésia; o transe xamânico já inclui formas de relação amorosa, nomeadamente a espíritos auxiliares da viagem. Mas o tema do amor só aparece mais claramente no sufismo islâmico e na mística cristã desenvolvida na Idade Média. Em todos estes casos há, para

o autor, variações do estado psicológico particular que Freud indicou para o amor-paixão: uma absorção do eu pelo objeto. Mas enquanto que a paixão amorosa se vive na reciprocidade da possessão a dois e não se inibe sexualmente quanto ao fim, sendo da ordem do profano, no transe e no êxtase religiosos há inibição quanto ao fim e não há reciprocidade, sendo estes da ordem do sagrado. Não se exclui aqui, nem o autor o faz, a experiência profunda dos amantes quanto ao caráter sagrado da sua união; do mesmo modo, é na mística cristã que aparecem mais claramente os temas do amor erótico, que é permitido, segundo De Heusch, pela figura do Pai fortemente associada ao Criador; no entanto, o amor e o erotismo são já identificáveis no Antigo Testamento e, também, na linguagem mais abstrata do sufismo.

Resumiremos nos próximos parágrafos algumas das principais características destas ideologias religiosas, o que as distingue e também os aspetos em que convergem.

As religiões da possessão são as mais comuns em África. Nelas, as figuras espirituais são antepassados poderosos, entidades naturais ou duplos de vizinhos irascíveis. Os espíritos são turbulentos, por vezes violentos, por vezes benevolentes, e encarnam fisicamente na pessoa, possuindo-a. O possuído (feiticeiro ou paciente) não tem memória da experiência. O espírito faz-se presente através de posturas corporais teatrais, convulsões e ritmos, mas não através da linguagem, que deve ser provocada. Tudo isto acontece durante o transe de possessão, sempre em grupo, acompanhado de música coletiva e sem ingestão de drogas. O paciente ou o feiticeiro são recetores passivos dos espíritos e da música, não os controlam, mas são controlados por eles. O feiticeiro africano pode ser uma figura ambivalente, já que a oposição entre divindades benéficas ou maléficas é geralmente pouco operante em África. As negociações com os espíritos poderosos são uma tarefa importante do feiticeiro que, através do ritual e da magia, deve ter a inteligência e o conhecimento para expulsar os espíritos malignos (exorcismo) ou para reter os bons espíritos (adorcismo), sem nunca perder a face. Os rituais respeitam as hierarquias sociais e as relações de poder. Nas religiões africanas de possessão, as cosmologias benignas e malignas podem não estar claramente separadas, os reinos do bom e do mau podem ser figurados pelas mesmas entidades que negociam com os seres humanos a paz ou a guerra, a saúde ou a doença, da mesma maneira que os seres humanos o fariam, mas com conhecimentos e poderes supra-naturais.

Juntamente com as religiões da possessão, que são dominantes no continente africano, Luc De Heusch também descreve algumas formas empobrecidas de rituais de cura quasi-xamânicos semelhantes a um medianismo médico. Nestes rituais quasi-xamânicos africanos, o curador provoca um transe de identificação no paciente para conhecer o nome do espírito doente ou, então, coloca-se a si mesmo em transe e torna-se o meio através do qual o espírito pode expressar-se.

Nessa altura, aplica o ritual mágico para expulsar o espírito e assim curar o paciente.

No xamanismo, cujas regiões de eleição são a Ásia e a América, existe uma mais clara diferenciação entre os bons espíritos – que vivem acima, no céu – e os maus espíritos – que vivem abaixo, na terra. Ao contrário do feiticeiro africano, o xamã não encarna espíritos no corpo, com amnésia; a sua jornada xamânica para o mundo espiritual, muitas vezes iniciada com a ingestão de plantas alucinogénias, implica uma distância desse mundo, uma distância mental que dá início à jornada imaginária. O xamã não experiencia uma possessão amnésica, mas sim uma experiência de transe alucinatório completa de que se lembra com detalhe. No xamanismo, a visão predomina sobre a incorporação. O xamã vê e sente, e tem um controlo ativo sobre a sua jornada para o mundo sobrenatural. O seu objetivo é encontrar-se cara a cara com os espíritos poderosos, maus ou bons, a quem ele ordena a ação, depois de ter sido longamente preparado para essa função, frequentemente através dos ensinamentos dos xamãs mais velhos. O xamã não é uma figura ambivalente, mas alguém que conhece pessoalmente a morte, a doença, as várias ameaças ao grupo, a vida mundana e o depois da vida. Como no transe de possessão, o xamanismo é também uma prática do grupo, mas aqui somente o xamã entra no estado de transe, de forma mentalmente ativa, tocando a música sagrada. Segundo a bonita expressão de De Heusch, os feiticeiros africanos são “musicados”, os xamãs são “musicantes” (De Heusch 2006, p. 30).

Para De Heusch, o medianismo consiste numa forma atenuada do transe xamânico. Refere casos de medianismo no Congo e na África Central e mostra que, na ideologia mediúcnica, os deuses encontram-se mais distantes dos humanos do que na possessão ou no xamanismo. Os seus poderes já não são manejáveis através dos encontros coletivos, onde eles visivelmente contactam ou são contactados pelas pessoas. Os médiuns são adivinhos, especialistas ideográficos que sabem ler sinais, produzidos ou naturais e que, em muitos casos, se encontram próximos do poder. Ao contrário do feiticeiro africano ou do xamã, o médium não é um curador do corpo ou da alma. Ele procura obter dos espíritos, ou dos deuses, aos quais está especialmente ligado, a revelação dos remédios, das interdições ou dos comportamentos rituais impostos para a cura ou para o sucesso de alguém poderoso, ou do grupo. O transe mediúcnico não é o desencadear teatral de forças espirituais, como na possessão, ou a viagem pelas visões heroicas do xamanismo; o transe mediúcnico é bastante discreto, e o médium encontra-se simplesmente na presença de um espírito protetor, recebendo dele a informação necessária para o indivíduo ou para a comunidade. Para Luc De Heusch, o espírito apresenta-se ao médium como uma “anúnciação”, através de sonhos ou de meditação intensa perto de uma fonte. Diz-lhe quais são os detalhes do culto, ou como preparar um feitiço. Os médiuns permanentes estão ligados ao poder social, mostram as insígnias do espírito ao qual estão associados e são assim reconhecíveis por todos.

O profetismo representa uma outra ideologia religiosa descrita por Luc De Heusch, que convoca o corpo-mente de modo diverso das formas religiosas anteriormente descritas. As religiões proféticas são historicamente mais recentes, surgem na atual Palestina e Israel e baseiam-se na Bíblia, um texto que tem cerca de 3500 anos. O profetismo aparece originalmente com o judaísmo, mais tarde com o cristianismo e o islamismo e não há evidências de práticas proféticas em outras tradições religiosas. Profetizar é prever por inspiração, é falar em nome de Deus. Para De Heusch, o transe de Elias antecipando a sua profecia é um tipo especial de experiência mediúcnica que anuncia a grande experiência mística cristã. Aqui, os agentes sobrenaturais, externos e poderosos, são substituídos por uma voz interna e íntima que inspira a ação. O êxtase místico, cristão e islâmico, exprime a intensa comunhão de amor com Deus, e consiste num novo tipo de experiência emocional e corporal que apela ao uso silencioso do corpo e à contemplação. O ‘coração ardente’ do profeta anuncia o encontro com o Deus amoroso do cristianismo, e as ideias de beatitude, de graça e de temor inefável tomam existência. Ao contrário de outras formas religiosas, as religiões monoteístas não promovem a identificação com Deus; os místicos descrevem uma ‘comunhão’, uma inspiração por Ele, e não os estados confusionais ou de contacto, em que os humanos e os espíritos interagem diretamente.

De Heusch mostra que o profetismo tradicional, e contemporâneo, é frequentemente descrito como um instrumento de protesto por parte de um povo colonizado, é um anti-poder. O primeiro grande profeta foi Moisés, considerado como possuindo poderes carismáticos inspirados por Deus, de quem ele era o intérprete contra a opressão e a perseguição. O carisma é um poder especial conferido ao profeta, como um dom de Deus, mas pode haver profetas bons ou maus, dependendo das suas ações morais, pessoais e políticas. Um mau líder carismático usa o seu poder hipnótico para fascinar os outros, enquanto que um bom líder carismático sabe como levar seu povo à liberdade, à justiça social e à paz⁵.

Conclusão: antropologia e psicologia dos afetos

Para De Heusch, todas as formas religiosas acima descritas mantêm relações particulares com a sexualidade, com formulações culturais e internas da agressão, com a sedução e o domínio, com o amor apaixonado. Partem do corpo vivo e das suas intensas experiências afetivas e simbólicas em culturas singulares. Constituem, deste modo, os grandes moldes culturais que, nas geografias respetivas, formatam os

⁵ O profetismo desenvolve-se sociologicamente no Ocidente, e junta-se, no cristianismo, com formas personalistas do individualismo, ao contrário de outras religiões que estão principalmente associadas com as sociedades coletivistas (N. d. A.).

sentimentos coletivos: suas normas e os seus excessos, os horizontes da expressão, da imaginação, da ilusão ou da culpa, os encontros e falas do amor, onde ocorreu, e ainda ocorre, a humanização. O seu conhecimento é, nesse sentido, essencial para uma psicologia básica dos afetos e dos comportamentos associados. Acrescenta à descrição normativa ocidental, tal como aparece na maioria dos manuais de psicologia, uma descrição estrutural que mostra as relações universais do afeto com a expressão corporal, a experiência mental e os grupos culturais. Seria importante incluir, neste quadro, as variáveis ecológicas que condicionaram, e ainda condicionam, os grupos humanos de variadas maneiras. A psicologia disporia, deste modo, de matéria para pensar os afetos na evolução biológica e cultural, para apreciar mais diferenciadamente as categorias do normal e do patológico⁶ e, numa era de globalização e de miscigenação, para refletir sobre os fatores que nos tornaram humanos e sobre o futuro comum produzido pelas nossas escolhas.

Terminamos com as palavras do autor:

“O nosso ponto de partida foram os diversos aspectos de um fenómeno universal, o transe. [...] Dois polos desenham-se no interior de um contínuo antropológico. A possessão religiosa é inseparável de uma mudança radical de identidade: a personalidade do possuído confunde-se com a de um deus ‘introjetado’ num transe que podemos facilmente descrever como passivo. Inversamente, o transe xamânico caracteriza-se pelo seu carácter teatral ativo. Acredito ter decifrado no amor-paixão extremo uma forma de possessão a dois: com efeito, os amantes formam um verdadeiro duo no seio do qual, de forma recíproca, ‘o objeto como que absorveu o eu’, segundo as palavras de Freud. O mesmo se passa no êxtase místico em que cristãos e muçulmanos se aproximam de Deus num estado de exaltação amorosa: são movidos pelo desejo de se fundirem nele, realizando a síntese da possessão e do xamanismo. O transe teatral manifestado pelo xamanismo merece ser considerado como uma introjeção sem identificação. [...] Igual é a gesticulação do ator ‘possuído’ pelo seu papel no teatro. O comportamento do chefe carismático na cena política está-lhe aparentado: os que contemplam a sua imagem e escutam a sua voz encontram-se num estado próximo da possessão. [...] Em todos estes casos evocados obra uma forma de sedução, por vezes no coração do sistema social e religioso, muitas vezes nas suas margens; por vezes, esta força afetiva misteriosa é capaz de o destruir, mais raramente de o reconstruir. [...] Possa esta abordagem reconciliar duas conceções complementares do inconsciente [...] [a antropologia e a psicanálise]” (De Heusch 2006, pp. 216-217)⁷,

e possa ela também contribuir para uma compreensão mais alargada e profunda dos afetos humanos, seus significados evolutivos e seus impasses, na psicologia contemporânea.

Bibliografia:

- APA (American Psychiatric Association) (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5ª ed.). Washington, DC: APA.
- Chertok, L. (1987). *Hypnose et psychanalyse*. Paris: Dunod.
- Cochran, G. e Harpending, H. (2009). *The 10,000 year explosion: how civilizations accelerated human evolution*. New York: Basic Books.
- De Heusch, L. (2006). *La Transe et ses entours. La sorcellerie, l'amour fou, saint Jean de la Croix, etc.* Bruxelas: Éditions Complexe.
- Descola, P. (2005). *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1989). *Human ethology*. N.Y.: A. De Gruyter.
- Fernandez, D. (1997). *Le voyage d'Italie. Dictionnaire amoureux*, Paris: Perrin.
- Freud, S. (1968). *Cinq leçons sur la psychanalyse*. Paris: Payot.
- Klein, M. (1997). *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lencastre, M. P. A. (2015), “Ecologias e concepções culturais de saúde, doença e cura”. In M. J. Silva e M. P. A. Lencastre, (eds.), *Educação, Bem-Estar e Ambiente - Nº Especial Revista Sensos*, Porto: InEd-ESE-IPP, pp.169-184.
- Levine, P. (2010). *In an unspoken voice. How the body releases trauma and restores goodness*. California: NABooks.
- Panksepp, J. e Panksepp, B. (2000), The seven sins of evolutionary psychology. *Evolution and Cognition* 6 (2): pp.108-131.
- Thayer, Z. M. e Non, A. L. (2015), Anthropology meets epigenetics: current and future directions. *American Anthropologist* 117 (4): pp.722-735.
- Winnicott, D. (1997). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.

⁶ As formas da psicopatologia seguem, em muitos casos, os sentimentos e crenças coletivos formatados pelas culturas, sendo definidas como ‘síndromas dependentes da cultura’ («culture-bound syndroms»).

⁷ O autor refere-se, sobretudo, à antropologia estruturalista de Levy-Strauss.